

O poético e o factual na narrativa da canção “O bêbado e a equilibrista”

Fernando Lopes Silva

Mestrando em Estudos Literários e especialista em Mídias e Educação pela UFU.

Graduado em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo pela FCU.

e-mail: fernandolopes08@gmail.com

Introdução

Desde a composição por João Bosco e Aldir Blanc da canção “O bêbado e a equilibrista” no ano de 1978, até os dias atuais, observa-se que o contexto político brasileiro, as práticas culturais e comunicacionais experimentaram profundas transformações. O Ato Institucional nº 5, AI-5, de 13 de dezembro de 1968, deu início ao período mais rigoroso do regime militar em que censores governamentais monitoravam a liberdade de imprensa, as manifestações artísticas e sociais.

Em decorrência do período ditatorial, vários jovens intensificaram os protestos contra a cassação das liberdades civis, somando esforços aos intelectuais que clamavam a impossibilidade de expressar seu pensamento tanto na imprensa como nas produções culturais. Para coibir estes movimentos, os militares, por sua vez, censuravam ainda mais a população, cassavam os direitos políticos dos manifestantes, prendiam, torturavam, exilavam e assassinavam aqueles que infringissem o poder institucionalizado.

Segundo Ventura (1988), vários artistas e intelectuais sofreram as consequências do AI-5, entre eles, Caetano Veloso e Gilberto Gil, que foram presos no dia 27 de dezembro de 1968, por desrespeitarem a bandeira e o hino nacional. A pressão política foi tão grande que nos dias 20 e 21 de julho de 1969, os cantores fizeram dois shows de despedida para arrecadar fundos, já que seriam exilados para outro país por determinação do governo militar. Betinho, irmão do cartunista Henfil, também teve que deixar o país em 1971. O jornalista Vladimir Herzog morreu em outubro de 1975 nas dependências do DOI-CODI (Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna) e mobilizou inúmeras pessoas sobre a violência dos militares.

O AI-5 vigorou até o ano de 1978. No mesmo ano, a parceria entre João Bosco e Aldir Blanc presenteia o público com a canção “O Bêbado e a equilibrista” que, na voz de Elis Regina, tornou-se o hino da Anistia, conforme elucidada Melito (2014). O movimento para sancionar a Lei da Anistia sensibilizou a população para pedir que os presos políticos pudessem viver em liberdade e as pessoas exiladas em outros países pudessem retornar ao solo brasileiro.

Em 1979, quando a canção “O bêbado e a equilibrista” foi lançada na voz de Elis

Regina, a cantora disse que a Lei da Anistia era um sonho de todos e parecia “mais próxima do que se imaginaria dois meses atrás quando a música foi gravada” (Regina, 1979). Após ouvir a gravação da canção em uma fita cassete, o cartunista Henfil logo percebeu que a anistia iria de fato acontecer, porque eles tinham um hino, fundamental para fazer uma revolução popular, segundo informações do jornalista Anderson Falcão (2014). De acordo com o jornalista, após o lançamento da canção, os comícios que reuniam 500 pessoas, passaram a reunir cinco mil manifestantes.

Com atenção ao contexto em que a canção “O bêbado e a equilibrista” foi composta e lançada, este artigo tem por objetivo abordar o modo como foram elencados, nesta narrativa, elementos jornalísticos que tratavam o factual e, ao mesmo tempo, recursos poéticos, por vezes analogias e metáforas. Ao mesmo tempo em que esta canção analisada contém relevantes fragmentos da história, ela também revela a consciência de quem a compôs e significados para quem a entoou. A relevância desta proposta encontra respaldo no fato de que esta música foi considerada o hino de um momento político importante do país, a aprovação da Lei da Anistia, e ao mesmo tempo revela a produção dos músicos, dramaturgos, escritores e outros artistas que foram influenciados historicamente pelo momento político e cultural.

Embora nosso objeto de análise seja “O bêbado e a equilibrista”, outras canções também abordaram a política no regime militar e, por vezes, nem eram identificadas pelos censores da ditadura. A composição “Debaixo dos caracóis dos teus cabelos”, lançada em 1971 por Roberto Carlos, com uma roupagem romântica, embalou vários casais deixando passar despercebido o protesto referente ao exílio de Caetano Veloso. Chico Buarque também compôs a canção “Apesar de você”, em 1970, que tratava implicitamente sobre a ditadura militar e a falta de liberdade.

Produções como estas lançam uma reflexão em dois vieses que inquietam as investigações neste artigo. De um lado, a produção cultural, suas fontes de inspirações e inquietações. Por vezes, conforme salienta Eco (2015), a realidade é mais fantástica que a ficção, na medida em que ao “mergulhar na história [um autor] pode encontrar episódios mais dramáticos, mais cômicos, e também mais verdadeiros do que os que qualquer romancista pode inventar” (ECO, 2015). Esta observação feita sobre o romance por Eco é facilmente percebida na linguagem literária. Por outro lado, fica o convite para refletir sobre a arte e a percepção de quem aprecia uma música, uma poesia, uma pintura, etc. A produção de sentidos ocorre livremente, vai além da racionalidade ou explicitação imediata das coisas pela linguagem, possibilitando significados mediados pela consciência histórica e cultural. Para Carey, a comunicação vai além da transmissão de uma mensagem, por se tratar de “um processo simbólico através do qual a realidade é produzida, mantida, reformulada e transformada” (CAREY, 1975, p. 22 *apud* LIMA, 1981, p. 122). Essa reciprocidade dialética é fundamental para que ocorra o diálogo entre os compositores da canção e as pessoas que se identificam com os versos.

A convergência entre o factual e o poético na canção “O bêbado e a equilibrista” será abordada metodologicamente por meio de apontamentos contidos nos depoimentos de seus compositores e intérpretes. Compõem as fontes bibliográficas para a análise das relações de convergência dos elementos factuais e literários os autores Sodré

(2014), Medina (2003), Chalhub (2006), Bourdieu (1989), Bissoto (2012), Paz (1984), entre outros.

A análise também será respaldada por publicações em periódicos com o objetivo de documentar os acontecimentos mencionados e compreender o momento socio-cultural em que a feita a composição. Na medida em que a letra da música de João Bosco e Aldir Blanc é analisada, observamos que esta narrativa nos convida para a percepção de outras realidades e sentidos experimentados na apreciação dos seus versos, evidenciando as possibilidades de construções simbólicas da linguagem para além da racionalidade ou explicitação dos sentidos das coisas.

Caía a tarde feito um viaduto

No dia 20 de novembro de 1971, o viaduto Paulo Frontim no Rio de Janeiro desabou, atingindo mais de 20 veículos, provocando a morte de 27 pessoas e deixando dezenas de feridos, segundo Acervo *O Globo* (2015). Já passaram mais de quarenta anos e os relatórios não foram conclusivos para apurar responsabilidades, enquanto ações de indenizações do ocorrido ainda tramitam no judiciário.

Durante os dias que sucederam o desabamento do viaduto, a população sensibilizada acompanhou o resgate dos corpos e vítimas daquela tragédia que embalou os versos iniciais da canção "O bêbado e a equilibrista". Em entrevista, João Bosco fala da relação da música com os acontecimentos factuais dos noticiários e sua proximidade com as redações dos jornais:

Meu primeiro disco gravado, que eu dividi um lado com o Tom Jobim, foi uma ideia do Pasquim, com produção do Sérgio Ricardo. Então, como o Aldir também colaborava com o jornal, nós frequentávamos a redação e era comum estarmos com Henfil, Sérgio Cabral, Ziraldo, Millôr... Depois, estreitei mais ainda as relações com o Henfil em função da aproximação dele com a Elis Regina, que era uma grande intérprete das nossas canções. E isso tudo gerou “O Bêbado e a Equilibrista”. É uma canção que celebra toda essa amizade: a minha, do Aldir, da Elis e do Henfil, com o Brasil (BOSCO, 2013).

Segundo Bosco (2013), ao compor "O bêbado e a equilibrista", ele e Blanc desejavam compor uma canção para homenagear Charles Chaplin que havia falecido no natal de 1977. O personagem escolhido para homenagem era Carlitos, do filme *Tempos Modernos* (CHAPLIN, 1936). Chaplin interpretava na obra, com humor peculiar, as trapalhadas de um operário que foi preso injustamente por não se adequar à sociedade industrial. No tumulto das manifestações de greve, Carlitos apaixona-se por uma jovem e eles fogem das perseguições policiais. No Brasil, as greves também eram censuradas pelos militares e seus participantes eram presos.

Nos versos da canção de Bosco e Blanc (1979), “o bêbado trajando luto”, implicitamente devido à queda do viaduto, fazia os compositores lembrarem a tragicomédia

de Carlitos, encenada por Chaplin. O ensejo dos compositores no primeiro momento não era tratar a política brasileira; entretanto, era perceptível que a figura do Carlitos trazia às pessoas uma esperança de dias melhores tanto no Brasil quanto em qualquer outro país. Todos esses elementos verossímeis ficaram nítidos nos primeiros versos da canção e, neste contexto narrativo verossímil, segundo Medina, é importante esclarecer que

a arte de narrar acrescentou sentidos mais sutis à arte de tecer o presente. Uma definição simples é aquela que entende a narrativa como uma das respostas humanas ao caos. (...) O que se diz da realidade constitui outra realidade, a simbólica. Sem essa produção cultural – a narrativa – o humano ser não se expressa, não se afirma perante a desorganização e inviabilidades da vida (MEDINA, 2003, p.47- 48).

A análise da canção “O bêbado e a equilibrista” trata justamente destas possibilidades de o artista abordar os acontecimentos do seu tempo, utilizando elementos simbólicos em uma narrativa. Diante da morte de Chaplin e da relevância social de sua produção, e considerando o desabamento do viaduto no Rio de Janeiro, observa-se que os compositores constituíram uma realidade simbólica expressada por meio de metáforas e analogias. Por certo, eles não queriam simplesmente omitir dos censores os sentidos presentes na canção, a exemplo de Roberto Carlos, ao compor “Debaixo dos caracóis dos teus cabelos”. Com o lirismo que lhes era peculiar, Aldir e Bosco imprimiram poeticamente suas percepções sobre o factual.

A este respeito, segundo Paz (1984), quando o homem por meio de metáforas representa um elemento da realidade por outro, revela-se a essência da linguagem simbólica interposta pela consciência de si mesmo e pela realidade que ele nomeia. Logo, nas palavras do autor, “o homem é um ser que se criou ao criar a linguagem, e pela palavra, o homem é uma metáfora de si mesmo” (PAZ, 1984, pp. 41-42).

Com uso de analogias, os compositores ainda abordaram o sufoco das torturas que tantos brasileiros sofreram na ditadura e, em contrapartida, caracterizaram a figura desajeitada de Carlitos, narrando na canção que “Louco, o bêbado com chapéu-coco, fazia irreverências mil pra noite do Brasil” (BOSCO, BLANC, 1979). Esse fragmento da canção demonstra que, do mesmo modo que Carlitos fazia irreverências diante a opressão capitalista, o bêbado tomava para si o chapéu-coco enquanto o Brasil estava nos anos ditatoriais de escuridão. Era comum naquele período que as pessoas contrárias ao Governo Militar fossem acusadas de terrorismo e temidas pela sociedade como alguém fora do seu juízo normal, embriagadas por ideais comunistas, contrários à moral e aos bons costumes.

Deste modo, ao utilizar metáforas para se expressar, Bosco e Blanc não só abordavam elementos factuais, mas também expressavam poeticamente comoção com a queda do viaduto, a perda de Chaplin e suas insatisfações com o regime militar. Segundo Sodré (2014, p.243), deve-se considerar a “recusa da caracterização da linguagem como mero instrumento de informação já que lhe está reservado o lugar de doação do ser às coisas”, o que torna a narrativa mais abrangente. Sendo assim, mais do

que transmitir os fatos, comum à função referencial, os compositores também utilizaram a função emotiva e a função poética para se expressarem diante da realidade. A este respeito, Sodré (2014) ainda considera:

O ser das coisas não está em sua presença no espaço-tempo determinante nem na sua pura e simples instrumentalidade, mas na possibilidade de abrir o mundo, o que acontece na linguagem, ou melhor, na *poiesis* criativa que originariamente nomeou as coisas. Isso não decorre de nenhuma atração ou “tração” etimológica na direção da origem das palavras, e sim da recusa de uma explicitação total do sentido das coisas, da pulsão poética de impedir que elas se sedimentem no princípio da razão suficiente (a vontade de poder da tecnologia) a fim de que, junto com os mortais (a existência humana, o estar aí), se abram para alteridade (SODRÉ, 2014, p. 243).

As possibilidades de alteridade e interpretação assinaladas em um texto denotam a importância da metáfora, da analogia, de diversas figuras de linguagem numa narrativa. Neste caso, pouco importa tratar-se de um conto, uma crônica, um poema ou uma composição musical. A canção “O bêbado e a equilibrista” faz uso do simbólico para tratar a realidade, não restringindo seus versos ao campo da racionalidade, mas expandindo-os à linguagem poética da narrativa de um bêbado que trajava luto pelos episódios tristes que o país testemunhava. Estes elementos narrativos presentes na canção evidenciam possibilidades de interpretação para quem entoava os seus versos. Segundo Caune (2014), a linguagem elabora com maestria estas relações de produção de sentidos:

É somente com a linguagem que o símbolo comporta interpretação, que ela revela seu sentido escondido, que se estabelece uma relação profunda de duplo sentido entre o que ele significa imediatamente e a que ele se remete. A faculdade simbólica inerente à condição humana atinge na linguagem a sua realização mais elaborada (CAUNE, 2014, p. 24).

São essas possibilidades de interpretação que norteiam a análise da letra da canção “O bêbado e a equilibrista” neste artigo. Após abordar a linguagem, observar os argumentos na composição para além da explicitação das coisas, elencando os elementos simbólicos, pretendemos abordar as fontes de inspiração e as inquietações dos artistas, ao comporem uma canção como esta que propomos analisar.

Meu Brasil que sonha com a volta do irmão do Henfil

Ainda que seja contundente o contexto político da canção “O bêbado e a equilibrista”, as inserções feitas pelos compositores sobre os exilados políticos surgiram na composição da canção em um segundo momento, conforme destaca Aldir Blanc:

O que é bacana nessa música é que ela não nasceu ligada ao tema. Quando o Chaplin morreu, o João me chamou na casa dele e disse que havia feito um samba, cuja harmonia tinha passagens melódicas parecidas com “Smile”, propositalmente construídas para que homenageássemos o cineasta. Só que, casualmente, encontrei o Henfil e o Chico Mário, que só falavam do mano (Betinho) que estava no exílio. O papo com o Chico e o Henfil me deu um estalo. Cheguei em casa, liguei para o João e sugeri que criássemos um personagem chapliniano, que, no fundo, deplorasse a condição dos exilados. Não era a ideia original, mas ele não criou caso e disse: “Manda bala, o problema é seu” (BLANC, 2007).

Os elementos factuais presentes na composição da canção, tanto ao tratar os exílios políticos, como ao abordar a morte de Chaplin e a queda do viaduto Paulo Frontim, promovem a reflexão de como esses elementos motivam uma produção artística e cultural. Desde o período colonial, a literatura teve importante influência de padrões e tendências portuguesas, enquanto outros momentos históricos por sua vez foram demarcados por estilos literários, como o classicismo, o romantismo e o realismo na modernidade. Observa-se que, na poesia e na prosa, os escritores sempre expressam seus anseios particulares e sociais.

Segundo Losada (2011, p.44), embora a arte mude de acordo com as mudanças contextuais, não são os elementos abstratos que transformam códigos representativos dos estilos, mas o próprio artista transforma a arte por meio do trabalho concreto. Nas palavras do autor, “não é o olho inocente que produz a obra de arte, nem tampouco o seu efeito estético, mas só a mente curiosa do artista e do receptor” (LOSADA, 2011, p. 56).

A arte românica, o barroco, o impressionismo, o surrealismo, entre outros estilos nas artes visuais, exemplificam que a cultura foi influenciada não exclusivamente por dimensões estéticas, mas também pelo propósito autoral de expressar novas ideias e provocar diálogos além das formas tradicionais. Também é possível perceber estas influências contextuais na música que outrora surgiu para entoar hinos aos deuses, mas que ganhou diferentes funções no decorrer dos milênios mediante diferentes contextos e ensejos autorais. Diferentes significados na arte e na cultura possibilitam observar a diversidade presente em cada obra, sobretudo na arte realista, conforme observa Chalhub (2006):

A chamada arte realista tenta também descrever o referente, repetindo-o. Na música, as canções que contam/ cantam uma narrativa de teor emotivo, sofrem a interferência da função referencial. Tom Zé, cantor e compositor da nossa MPB, disse muito bem: “Todo compositor brasileiro sofre de complexo de épico”. Nesse sentido, ao lado da função referencial está a emotiva (CHALHUB, 2006, p.12).

Ao tratar na letra da canção que o Brasil sonhava “com a volta do irmão Henfil com tanta gente que partiu num rabo de foguete” (BOSCO, BLANC, 1979), os compositores não abordaram somente o factual do exílio do Betinho, mas também a esperança da

anistia, o perdão aos manifestantes exilados, torturados e presos. Na sequência, os versos da canção entoavam “chora a nossa pátria mãe gentil, choram Marias e Clarices no solo do Brasil” (idem). ‘Marias’ e ‘Clarices’ não remetiam apenas nomes comuns de muitas esposas e mães que perderam seus entes para a ditadura, mas também Maria era o nome da esposa do operário Manuel Fiel Filho e Clarice o nome da esposa do jornalista Wladimir Herzog. Ambos, jornalista e operário, foram mortos vítimas da tortura no regime militar, segundo Ventura (1988).

A pátria mãe gentil, bradada no hino nacional pelos militares na ordem unida, chorava há alguns anos os filhos engajados na luta pela democracia, as vítimas da intervenção militar em 1964 e os denominados “terroristas” pós AI-5 em 1968. A canção “O bêbado e a equilibrista” foi gravada por Elis Regina no disco *Essa Mulher* em 1979. O trabalho artístico da obra vai além da emotividade e do factual. Após o lançamento do disco, em depoimento sobre a letra da música, a cantora disse que “grande parcela da população anseia encontrar um Carlito deste e sonha não ver mais nem Marias e nem Clarices chorando” (REGINA, 1979).

Logo a canção emocionava, mas também convidava quem entoava a reflexão sobre o contexto político e social, tramitando aquele que seria o hino da anistia. Era um convite de um olhar crítico sobre o país, o que denota as diferentes possibilidades de uma obra artística conforme elucidada Chalhub:

O artista não é um inspirado pela arte que, tomado pela mágica da emoção vai expressar seus ocultos pensamentos. Fernando Pessoa disse “o que em mim sente está pensando”. Seu gênio está no trabalho competente da organização do código, no desenho de uma linguagem do inédito – seja ela música, poesia, pintura etc. (CHALHUB, 2006, p. 19).

Tão logo a canção caiu no gosto popular e ficou conhecida como o hino da anistia, foi decretada a lei em agosto de 1979 que declarava anistiados todos “aqueles que cometeram crimes políticos ou conexos entre a data de 02 de setembro de 1961 a 15 de agosto de 1979” (BISSOTO, 2012).

Se por um lado, a lei trouxe vários engajados políticos de volta ao solo brasileiro e permitiu a libertação de muitos presos da ditadura, por outro, em seu segundo parágrafo, a lei assinalava “que os condenados pelos crimes de terrorismo, sequestro, assalto e atentado pessoal não seriam anistiados” (BISSOTO, 2012), o que fez com que muitos permanecessem vítimas e reféns da ditadura.

Após assinalar neste artigo as produções de sentidos por meio da linguagem, suas possibilidades de representar a realidade por meio do simbólico, as inquietações que nortearam a composição, o que inspira a produção do artista, vamos abordar a narrativa mediante um contexto político e histórico. Para a canção se tornar um hino da Anistia, por certo havia um apelo para quem ouvia os seus versos em favor de uma causa compartilhada.

A esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar

A Anistia, com seu hino “O bêbado e a equilibrista”, era um passo importante, mas não poderia ser o último até a retomada da democracia no Brasil. Elis chegou a assinalar sobre isto na entrevista do lançamento do disco *Essas Mulheres* (REGINA, 1979), ao dizer que “de repente pode ser um empurrãozinho a mais na questão. Como bem disse o Henfil no release de apresentação: Será que uma música vai resolver a questão?” (REGINA, 1979).

A resposta de seus questionamentos estaria na letra da própria canção que já alertava para o fato de “que uma dor assim pungente, não há de ser inutilmente a esperança” (BOSCO, BLANC, 1978). E por certo não foi em vão. Aldir Blanc narra o seu primeiro encontro com Betinho, em um show no Canecão (Rio), após ele ter retornado ao Brasil graças à anistia:

A gente se cruzou numa ida ao banheiro. Ele olhou para mim e falou, sorrindo: “É você, não é? Eu pretendia terminar os meus dias lá fora e voltei por causa dessa música, seu f.d.p.” E assim essa amizade se solidificou, a ponto de nos transformarmos, Betinho, Henfil, Chico Mário e eu, quatro irmãos (BLANC, 2007).

A canção de Aldir e Bosco terminava encorajando os equilibristas da ditadura militar a permanecer lutando e esperar por dias melhores, mesmo diante de todos os riscos. Abaixo, a letra da canção em sua totalidade, denota como ela foi apreciada pelo público:

Caía a tarde feito um viaduto
E um bêbado trajando luto
me lembrou Carlitos...
A lua, tal qual a dona do bordel
Pedia a cada estrela fria
Um brilho de aluguel
E nuvens, lá no mata-borrão do céu,
Chupavam manchas torturadas
Que sufoco!
Louco,
o bêbado com chapéu-coco,
fazia irreverências mil
pra noite do Brasil.
Meu Brasil,
que sonha com a volta do irmão do Henfil.
Com tanta gente que partiu
Num rabo de foguete
Chora!
A nossa Pátria mãe gentil
Choram Marias e Clarices no solo do Brasil.

Mas sei, que uma dor assim pungente,
Não há de ser inutilmente a esperança.
Dança na corda bamba de sombrinha
E em cada passo dessa linha pode se machucar.
Azar!
A esperança equilibrista
Sabe que o show de todo artista
Tem que continuar... (BOSCO, BLANC, 1979)

O personagem bêbado no término da canção “dança na corda bamba de sombrinha”, embora não fossem poucos os perigos de se machucar, ao se manifestar contrário ao sistema, mesmo por meio de uma canção. O ano de 1978, com o fim do AI-5, a Anistia em 1979, e posteriormente em 1984, o movimento das “Diretas Já”, que reuniu mais de 300 mil pessoas nas proximidades da Praça da Sé em São Paulo, apresentaram muitos desafios para diversos intelectuais ao expressarem a sua insatisfação com a ditadura militar.

Em relação às manifestações contrárias à ditadura, segundo o portal *Memórias Reveladas* do arquivo nacional,

a cultura do protesto não desapareceu. Permaneceu nas margens e tornou a aflorar nos últimos anos de ditadura, sobretudo com o fim da censura, mas sem a relevância que fora a sua logo depois da vitória do golpe. Mudara o país, e radicalmente ensejando no mesmo movimento a mudança dos padrões culturais (REIS, ROLLEMBERG).

Essas mudanças observadas politicamente no país e nos padrões culturais denotam como uma produção artística interfere na sociedade, e em contrapartida, como a sociedade igualmente influi nas produções artísticas e culturais. As décadas de 1960, 1970 e 1980 foram demarcadas por movimentos que ilustram esta efervescência cultural, como é o caso da Jovem Guarda, da Tropicália e do denominado Rock de Garagem. Desse modo, as fronteiras entre o que se pode expressar e compartilhar socialmente são relevantes para as mudanças políticas e culturais experimentadas pelos cidadãos. Segundo Bourdieu (1989, p. 165),

a distribuição das opiniões numa população determinada depende do estado dos instrumentos de percepção e expressão disponíveis e do acesso que os diferentes grupos têm a esses instrumentos. Quer isto dizer que o campo político exerce de facto um efeito de censura ao limitar o universo do discurso político e, por este modo, o universo daquilo que é pensável politicamente, ao espaço finito dos discursos susceptíveis de serem produzidos ou reproduzidos nos limites da problemática política como espaço das tomadas de posição efetivamente realizadas no campo, quer dizer, sociologicamente possíveis dadas as leis que regem a entrada no campo.

Deste modo, ao limitar com a censura o que era dizível no regime militar, o Go-

verno controlava não só a opinião da população, como os seus instrumentos de percepções políticas e culturais. Ao analisarmos a canção “O bêbado e a equilibrista”, é importante estabelecermos uma relação sobre as condições e o que contextualizava esta dada produção artística. A este respeito, Caune (2014) faz algumas considerações pertinentes:

Se quisermos compreender como a arte enquanto fato social e expressão singular, informa e orienta as percepções, constrói o imaginário, sublima as emoções, estabelece as relações, convém examinar em que condições teóricas e metodológicas a prática e o objeto artístico podem ser analisados do ponto de vista dos fenômenos de comunicação que eles operam. O objeto artístico e a forma serão, portanto, evocados como suporte de informação, frente de significação e produção de sentidos (CAUNE, 2014, p. 111).

Nestas palavras de Caune, destacamos o encontro das percepções presentes na canção: a arte, expressão singular de um artista se relacionando com o referente, a leitura da realidade, favorecendo a produção de sentidos. Quanto ao suporte de informação, observa-se que a canção “O bêbado e a equilibrista” elencou os acontecimentos que antecederam a Anistia. Esses acontecimentos comoveram a população, afetando a esperança, seja referindo-se a uma tragédia na queda de um viaduto ou na perda de um importante nome da cultura, Charles Chaplin.

Os compositores da canção não só narraram os fatos, mas denotaram suas impressões perante os acontecimentos, evento pouco comum na ditadura militar por causa dos censores. E diante disto, a canção considerada como hino da Anistia teve relevante valor cultural, político e histórico. Nos últimos versos da composição, Aldir Blanc e João Bosco reafirmam esse caráter da canção, ao dizerem que “a esperança equilibrista sabe que o show de todo artista tem que continuar”. Por certo, continuou dando voz a outros movimentos musicais, ou ainda na voz de quem canta esta canção.

Considerações finais

Neste artigo foi possível assinalar elementos poéticos e factuais na composição da canção “O bêbado e a equilibrista”. A percepção desta obra musical na voz de Elis Regina, uma das intérpretes mais respeitadas da denominada Música Popular Brasileira (MPB), emociona na mesma medida em que sua análise possibilita a leitura dos fatos que contextualizaram historicamente a Anistia e narraram acontecimentos factuais que tiveram grande repercussão, como a queda do viaduto Paulo Frontim e a morte de Charles Chaplin.

Assim como no filme *Tempos Modernos* (1936), o personagem Carlitos segue em uma estrada de esperança na companhia da jovem dançarina e revolucionária, vivendo as mais diferentes emoções, na canção, o bêbado trajando luto é amparado pela esperança equilibrista. Observamos por meio do depoimento dos seus compositores Blanc (2007) e Bosco (2009) que o apelo político foi posterior à intenção de homenagear Chaplin, denotando as diferentes fontes de inquietações dos seus compositores.

Importante também ressaltar o valor que esta canção tinha para quem entoava os seus versos. A relevância é constatada no contexto político em que a produção está inserida e no modo como ela contribuiu e encorajou os passos arriscados e a esperança de dias melhores. Deste modo, vale ressaltar mais uma vez o pensamento de Tom Zé mencionado por Chalhub (2006) de que os compositores brasileiros sofrem do complexo de épico. E nesse contexto épico surge uma produção de relevância não só para a música brasileira, mas para a tradução de importantes momentos históricos, como, no caso dessa canção, a Anistia.

Não eram poucos os motivos dos artistas e intelectuais para temer produções que abordavam política como “O bêbado e a equilibrista”, dada a censura que as produções culturais naquele período sofriam, levando seus produtores a serem presos, torturados e exilados. A metáfora e as analogias, utilizadas nos versos da canção por Bosco e Aldir, nos levaram à reflexão para além dos elementos explícitos na narrativa da composição, elencando os valores da linguagem simbólica com suas possibilidades de interpretação e revelando a consciência dos compositores.

A percepção da letra da canção analisada requer, além da percepção dos elementos simbólicos nos versos da canção, o trabalho do artista que, segundo contribuições de Losada (2011), interage com o meio que habita por meio do trabalho artístico concreto. Neste aspecto, ressaltamos que a poesia contida na composição da canção e na organização dos códigos tece uma narrativa que expressa toda angústia vivenciada pelos compositores e por quem cantarolava a canção por conta da ditadura.

Todas estas elucidações abordadas neste artigo nos fazem compreender a dimensão comunicacional e artística que norteia a análise da canção, promovendo a reflexão sobre a importância que “O bêbado e a equilibrista” teve em um contexto histórico-temporal e igualmente sobre o valor artístico revelando o simbólico, o poético e as possibilidades de produções de sentidos. Ainda que a canção não tenha conseguido, isoladamente, resolver todas as angústias, como questionara Elis Regina (1979), em entrevista ao lançar a música, percebe-se o valor que a canção teve em traduzir a esperança equilibrista de dias melhores e, a partir de então, contagiar os bêbados embriagados pelo sonho de viver em um país democrático.

Referências

ACERVO O GLOBO. Em novembro de 1971, elevado Paulo de Frontin desabou, matando 27 pessoas. 2016. Disponível em: <http://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-novembro-de-1971-elevado-paulo-de-frontin-desabou-matando-27-pessoas-10808571#ixzz40FPQKF8X>. Acesso em 22 jan. 2016.

BISSOTO, Maria Carolina. Os 33 anos da lei Anistia. Carta Maior. 2012. Disponível em: <http://www.cartamaior.com.br/?/Opinio/Os-33-anos-da-Lei-de-Anistia/26496>. Acesso em 23 jan. 2016.

BLANC, Aldir. *Associação Brasileira de Imprensa*. Entrevista concedida à José Reinaldo Marques. 2007. Disponível em: <http://www.abi.org.br/entrevista-aldir-blanc/>. Acesso em 12 fev. 2016.

BOSCO, João. *Clima de emoção na homenagem a Henfil*. Entrevista concedida a Associação Brasileira de Imprensa. 2009. Disponível em: <http://www.abi.org.br/clima-de-emocao-na-homenagem-a-henfil/>. Acesso em 05 jan. 2016.

BOSCO, João; BLANC, Aldir. O bêbado e a equilibrista. Interprete: REGINA, Elis. *Elis, essa Mulher*. WEA. 1979. 1 LP (33min.56s). Faixa 2.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.

CAREY, James. "A Cultural Approach to Communication", in: LIMA, Venício Artur de. *As Ideias de Paulo Freire*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

CAUNE, Jean. *Cultura e Comunicação: convergências teóricas e lugares de mediação*. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHALHUB, Samira. *Funções da linguagem*. São Paulo: Ática, 2006.

ECO, Umberto. *Jornal El País*. Cultura. Entrevista concedida a Juan Cruz. Disponível em: http://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/26/cultura/1427393303_512601.html. Acesso em 24 nov. 2014.

FALCÃO, Anderson. O bêbado e a equilibrista: em 1979, Elis Regina deu voz ao Hino da Anistia. *Portal EBC*. Brasília: 2014. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cultura/2014/08/o-bebado-e-a-equilibrista-em-1979-elis-regina-deu-voz-ao-hino-da-anistia>. Acesso em 03. Jan. 2016.

LOSADA, Terezinha. *A interpretação da imagem, subsídios para o ensino da arte*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2011.

MEDINA, Cremilda. *A arte de tecer o presente: narrativa e cotidiano*. São Paulo: Summus, 2003.

MELITO, Leandro. Conheça a história do movimento pela Anistia no Brasil. *Portal EBC*. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/cidadania/2014/08/conheca-a-historia-do-movimento-pela-anistia>. Acesso em 24 jan.2016.

PAZ, Octávio. *O arco e a lira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

REGINA, Elis. Lançamento do disco Essas Mulheres. Entrevista concedida a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. 1979. Disponível em: http://www.ebc.com.br/sites/default/files/null/4_-_o_bebado_e_a_equilibrista.mp3. Acesso em: 23 jan. 2016.

REIS, Daniel Arão; ROLLEMBERG, Denise. A ditadura, as artes e a cultura. *Portal Memórias Reveladas*. Governo Federal. Disponível em:

<http://www.memoriasreveladas.arquivonacional.gov.br/campanha/censura-nas-manifestacoes-artisticas/> . Acesso em 1 fev. 2016.

SODRÉ, Muniz. *A ciência do comum: notas para o método comunicacional*. Petrópolis: Vozes, 2014.

TEMPOS modernos (filme). Direção: Charlie Chaplin. Produção: Patrícia Santans. EUA: Charles Chaplin Productions, 1936. 87 min.

VENTURA, Zuenir. *1968: O ano que não terminou*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

Artigo recebido em 09/03/2016; aprovado para publicação em 18/04/2016

RESUMO: Neste artigo, procura-se analisar a narrativa da canção “O bêbado e a equilibrista”, de João Bosco e Aldir Blanc, elencando em sua composição os elementos poéticos, factuais e, por conseguinte, a relevância histórica desta música que se tornou hino da anistia em 1979 na voz de Elis Regina. A análise da narrativa é fundamentada abordando o uso da linguagem, os elementos simbólicos e de produções de sentidos, mediados pela percepção da realidade e consciência tanto de quem compôs a canção, como de quem entoou seus versos mediante um contexto político e cultural. As dimensões artísticas e comunicacionais do artigo são respaldadas teoricamente por Eco (2015), Sodré (2014), Medina (2003), Bourdieu (1989), Paz (1984) entre outros teóricos, além dos depoimentos dos compositores e intérpretes da canção.

PALAVRAS-CHAVE: Poético, factual, canção, MPB.

ABSTRACT: This article aims to analyze the narrative of the song “O bêbado e a equilibrista” composed by João Bosco and Aldir Blanc, casting in its composition the factual and poetic elements, and as a result, the historical relevance of this song that became the hymn of the Brazilian Amnesty in 1979 in Elis Regina’s voice. The narrative analysis is based on the use of language, the elements of symbolism and of production of senses, mediated by the perception of reality and awareness both from he who composed the song, as well as from he who sang his verses from a political and cultural context. Artistic and communicative dimensions of the article theoretically come by Eco (2015), Sodre (2014), Medina (2003), Bourdieu (1989), Paz (1984) and other theorists, besides the testimony of composers and performers of the song.

KEYWORDS: Poetic, factual, song, MPB